



COVID-19 e o Impacto Econômico do Lockdown: Uma revisão sistemática

HELEN MARIA DA SILVA GOMES

Universidade Federal de Santa Catarina

TONY LEONARDO SILVA LELES

Universidade Federal do Piauí

HERNANI VAZ KRUGER

Instituto de Pós-Graduação e Graduação

SALVINA LOPES LIMA VERAS

Universidade Federal do Piauí

Resumo

Durante a primeira fase da pandemia de coronavírus (COVID-19/SARS-CoV-2), países em todo o mundo implementaram uma série de políticas de contenção destinadas a mitigar a propagação da doença. Sem vacina ou tratamento farmacêutico disponível, as ações para conter a disseminação da COVID-19 restringiam a mobilidade humana, com o objetivo de reduzir a propagação da doença, como a implementação do lockdown. A partir disto, o objetivo deste artigo é sintetizar as evidências disponíveis dos possíveis impactos para a economia mundial devido ao lockdown para evitar a propagação da pandemia por COVID-19 através de uma revisão sistemática. Essa foi proposta como forma de atualização para atingir a melhor evidência disponível. A presença de doenças altamente infecciosas que se tornaram pandemias, como a COVID-19, criam sérios problemas de saúde e econômicos devido às várias transformações sociais e ambientais globais que ocorreram como resultado do desenvolvimento econômico. Através de uma seleção fundamentada, com critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, obteve-se os estudos selecionados para esta revisão. Eventualmente, 13 estudos formaram a revisão sistemática. Baseando-se nisto, estabeleceu-se dois tópicos para a discussão: 1) Pandemia na Economia dos Países e 2) Mercado Global com a Implementação do Lockdown. As implicações econômicas são amplas e incertas, com diferentes efeitos nos mercados de trabalho, mercados financeiros e na economia mundial. Os efeitos econômicos negativos podem variar de acordo com a sequência das medidas de distanciamento social (por exemplo, lockdown e políticas relacionadas), sua duração de implementação e o grau de conformidade. É necessário um planejamento de médio e longo prazo para que a economia seja reequilibrada após esta crise.

Palavras-chave: Coronavírus, Lockdown, Economia.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

1 Introdução

Um novo coronavírus descrito pela primeira vez em Wuhan, China, em dezembro de 2019, levou a uma pandemia de coronavírus (COVID-19/SARS-CoV-2) e ao desligamento econômico global em meio a medidas de distanciamento social sem precedentes (Röltgen, Powell & Boyd, 2020). Durante a primeira fase da pandemia do COVID-19, países em todo o mundo implementaram uma série de políticas de contenção destinadas a mitigar a propagação da doença (Schlosser, Maier & Brockmann, 2020).

Sem vacina ou tratamento farmacêutico disponível, as ações para conter a disseminação da COVID-19 restringiam a mobilidade humana, com o objetivo de reduzir os contatos de proximidade, o principal motor da propagação da doença, como a implementação do lockdown, quarentena, restrições nas interações sociais (distanciamento social), atividades de lazer, eventos culturais e esportivos suspensos, sendo os prédios públicos fechados e as pessoas sendo orientadas a ficar e trabalhar em casa (home office) (Siqueira & de Souza, 2020; Schlosser, Maier & Brockmann, 2020; Martínez, Luis, & Bermejo-Martins, 2021; Holzinger, Mayer, Nierwetberg & Klösch, 2021).

Muitos países continuam enfrentando uma primeira onda estendida ou agora enfrentam uma segunda onda de infecção. Com a incapacidade de sustentar lockdown de longo prazo, devido a seus graves impactos econômicos, sociais e de saúde, os países continuam a lutar para formular estratégias adequadas para decidir quando e como entrar e sair dos lockdowns de maneira segura e responsável (Eyawo, Viens & Ugoji, 2021).

A preocupação surgiu, principalmente, em relação às consequências econômicas do lockdown e como ele pode atingir desproporcionalmente as pessoas do estrato socioeconômico mais baixo (Bonaccorsi, Pierri & Pammolli, 2020; Gopalan & Misra, 2020). COVID-19 está prejudicando as economias - grandes ou pequenas, desenvolvidas ou em desenvolvimento (Barua, 2020).

Restrições de viagens internacionais, regionais e locais afetaram imediatamente as economias nacionais, incluindo sistemas de turismo, ou seja, viagens internacionais, turismo doméstico, visitas diárias e segmentos tão diversos como transporte aéreo, cruzeiros, transporte público, acomodação, cafés e restaurantes, convenções, festivais, reuniões, ou eventos esportivos. Com as viagens aéreas internacionais diminuindo rapidamente como resultado da crise e muitos países impondo proibições de viagens, fechando fronteiras ou introduzindo períodos de quarentena, o turismo internacional e doméstico diminuiu vertiginosamente em um período de semanas. (McKibbin & Fernando, 2020).

As consequências das políticas da COVID-19 nas perspectivas econômica e de saúde foram estudadas por McKibbin e Fernando (2020), que esperavam um impacto macroeconômico global negativo devido à pandemia. Estrada (2020) estudaram o impacto da COVID-19 no turismo, comércio global e viagens aéreas na China e previram um declínio nesses setores junto com o aumento no consumo de eletricidade e um aumento da demanda por instalações médicas. Wang *et al.* (2020) estudaram as implicações para a saúde das crianças devido ao fato de serem extensivamente confinadas em lares por um longo tempo. A maioria dos estudos existentes relata o impacto da pandemia na China, onde o vírus começou, e em outros países asiáticos e europeus.

Dentro dos países, o vírus afetou virtualmente todas as partes da cadeia de valor da hospitalidade. O impacto de eventos cancelados, acomodações fechadas e atrações fechadas foi imediatamente sentido em outras partes da cadeia de suprimentos, como serviços de alimentação e lavanderia. Os restaurantes também tiveram que fechar, embora em alguns países, uma mudança para as vendas de delivery permitiu que alguns continuassem as operações (McKibbin & Fernando, 2020).



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Como resultado, comunidades, mesquitas, igrejas, templos, restaurantes, cinemas, transportes, hotéis, pontos turísticos, grandes mercados e lojas estão sofrendo um impacto rápido, o que significa que esses setores foram fechados e particularmente se tornaram vulneráveis a perdas comerciais (Ahmad, Haroon & Hui, 2020).

A partir disto, o objetivo deste artigo é sintetizar as evidências disponíveis dos possíveis impactos para a economia mundial devido ao lockdown para evitar a propagação da pandemia por COVID-19 através de uma revisão sistemática. Discutir as economias nacionais e das empresas enquanto os governos lutam com novas medidas de lockdown para combater a propagação do vírus e apresentar lacunas da literatura e recomendações para pesquisas futuras.

A expansão dos negócios de rápido crescimento é fundamental para o desenvolvimento econômico; eles criam empregos, exportam, inovam e impulsionam ganhos de produtividade mesmo em períodos recessivos. No entanto, o surgimento do coronavírus induziu o ‘Grande Lockdown’ e suas consequências são diferentes das recessões anteriores, por conta da forma como governos e instituições direcionaram a atividade empresarial (Greene & Rosiello, 2020). Com base nisto, é importante reconhecer os efeitos econômicos da crise da COVID-19 e seus impactos no âmbito mundial, através da comparação direta dos resultados dos estudos publicados. As avaliações econômicas são uma das ferramentas importantes na formulação de políticas para recuperação devido à pandemia.

2 Referencial Teórico

2.1 Uma Breve História de Pandemias

A presença de doenças altamente infecciosas que se tornaram pandemias, como a COVID-19, criam sérios problemas de saúde e econômicos devido às várias transformações sociais e ambientais globais que ocorreram como resultado do desenvolvimento econômico. Como consequência do desenvolvimento econômico, a população mundial tornou-se cada vez mais urbanizada e concentrada em grandes cidades (e conglomerados urbanos, como metrópoles e megalópoles) e, também, o nível global da população humana aumentou muito desde o início da Revolução Industrial. A densidade das populações humanas é maior do que nunca. Além disso, a mobilidade das pessoas em todas as dimensões geográficas aumentou tremendamente. Esses fatores facilitam o surgimento de novas doenças infecciosas e sua propagação (Tisdell, 2020).

Os desenvolvimentos na natureza da atividade econômica exacerbam o problema de controle de novas doenças infecciosas que são transmitidas como resultado do contato e da presença humana. O aumento da especialização econômica e a maior divisão do trabalho, acompanhados pela expansão dos mercados e pela crescente globalização econômica, aumentam o risco de que os indivíduos entrem em contato com fontes que facilitam a ocorrência de doenças altamente contagiosas, como a gripe e a COVID-19. As consequências econômicas adversas de novas formas ou tipos dessas doenças podem ser graves, dado o alto grau de interdependência da atividade econômica nas economias modernas (Tisdell, 2020). Assim, este tópico irá apresentar uma breve visão geral de pandemias de significado histórico e seus impactos econômicos.

2.1.1 Peste negra

A Peste Negra foi um dos primeiros eventos verdadeiramente globais da história da humanidade. Desde a sua chegada à Europa em 1347, espalhou-se rapidamente pelo continente, trazendo consideráveis perdas de vidas humanas e graves consequências econômicas e sociais. As pragas não eram algo novo na Espanha ou na Europa, e surtos de



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

peste apareceriam regularmente nos séculos seguintes até o presente. A diferença entre a Peste Negra e as experiências epidemiológicas anteriores está na gravidade do choque em um período de tempo muito curto e no retorno da doença sem cura que apareceu de forma recorrente. A incidência da peste foi assimétrica na Europa, em parte como consequência das diferentes características econômicas e sociais das áreas afetadas (Caballero, Escosura & Nogal, 2020).

Argumenta-se que um longo e enraizado processo de decadência econômica já havia se iniciado na Europa quando a peste chegou às suas fronteiras. O crescimento demográfico da Idade Média trouxe a população europeia para perto de seu teto, aumentando a pressão sobre os recursos. O frágil equilíbrio entre os dois foi rompido quando as condições climáticas deteriorantes reduziram as colheitas e produziram crises de subsistência que tornaram mais provável o aparecimento de doenças. As crises agrárias de 1315-17 e 1340-50 foram, portanto, exemplos desse processo, e o declínio demográfico já estava em curso cinquenta anos antes da chegada da Peste Negra em algumas áreas da Europa (Caballero, Escosura & Nogal, 2020).

A chegada da Peste Negra à Europa produziu a pior crise demográfica registrada na história humana, devido à escassez de mão de obra causada pela doença. Por outro lado, isso resultou no longo prazo no desenvolvimento de tecnologias que economizam trabalho e, consequentemente, em maior produtividade. Um desenvolvimento econômico significativo e uma mudança social ocorreram na Europa depois que a Peste Negra diminuiu, levando a uma melhoria dos salários reais no longo prazo, produzindo um aumento repentino da renda *per capita* na maior parte da Europa (Tisdell, 2020; Caballero, Escosura & Nogal, 2020).

2.1.2 Gripe “espanhola”

Na primavera de 1918, começaram a aparecer relatos de uma nova doença. A agência internacional de notícias Reuters recebeu notícias de fontes espanholas que ‘Uma estranha forma de doença de caráter epidêmico apareceu em Madrid. A epidemia é de natureza branda; nenhuma morte foi relatada’. Isso provou ser parte da primeira, e relativamente leve, onda de uma doença que infectaria aproximadamente 500 milhões de pessoas (cerca de um terço da população global naquela época), e mataria tantas que seria mais tarde descrito como o evento mais mortal da história humana em termos de contagem de corpos. Este foi o início da pandemia de ‘Gripe Espanhola’ (Flecknoe, Wakefield & Simmons, 2018).

O final de 1918 viu uma segunda onda, muito mais mortal da doença, varrer os EUA, Europa, México, Nova Zelândia, Islândia, Irã e até mesmo nações insulares isoladas, como Samoa Ocidental (onde matou mais de 20% da população). A análise de cadáveres congelados da época mostrou que esta era uma cepa do vírus da gripe H1N1 e causou danos tão calamitosos aos pulmões e vias respiratórias que as vítimas geralmente morriam de pneumonia bacteriana secundária, cujo na época não haviam os antibióticos para tratamento (Flecknoe, Wakefield & Simmons, 2018).

A pandemia não desencadeou uma grande contração na atividade econômica agregada. Uma recessão branda começou em setembro de 1918 e continuou até março de 1919. Os gastos federais Europeus no esforço de guerra podem explicar por que a economia agregada não desacelerou significativamente: “A demanda sem fim por carvão, aço, maquinário, têxteis e outros produtos necessários para o esforço de guerra compensou amplamente os efeitos de uma pandemia tão severa na atividade econômica agregada” (Wheelock, 2020).

A produção industrial caiu drasticamente, mas se recuperou rapidamente. As vendas no varejo parecem ter sido pouco afetadas pela pandemia, talvez por causa de um aumento nas compras dos consumidores após o Armistício em 11 de novembro, e nem as falências de negócios nem outras formas de dificuldades financeiras aumentaram significativamente. A



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

pandemia teve um grande impacto em alguns setores. Estima-se que a pandemia causou um declínio de 18% na produção industrial e um declínio de 23% no emprego industrial, em parte porque várias cidades com grandes indústrias manufatureiras estavam entre as que apresentavam as maiores taxas de mortalidade por gripe (Wheelock, 2020).

2.1.3 A pandemia de HIV/AIDS

Em 1983, um retrovírus (mais tarde denominado vírus da imunodeficiência humana, ou HIV) foi isolado de um paciente com a doença. Nos 25 anos desde o primeiro relatório, mais de 65 milhões de pessoas foram infectadas com o HIV e mais de 25 milhões morreram de AIDS. Em todo o mundo, mais de 40 por cento das novas infecções entre adultos ocorrem em jovens de 15 a 24 anos de idade. Noventa e cinco por cento dessas infecções e mortes ocorreram em países em desenvolvimento (Merson, 2006).

A AIDS foi considerada a principal causa de morte prematura entre pessoas de 15 a 59 anos de idade. Nos países mais atingidos, as bases da sociedade, governança e segurança nacional estão se desgastando, levando as redes de segurança ao ponto de ruptura, com repercussões sociais e econômicas que atravessarão gerações (Merson, 2006).

O impacto da epidemia continua a ser muito grave sobre os indivíduos, famílias e nações, reduzindo em mais da metade o Produto Interno Bruto (PIB) dos países gravemente infectados e reduzindo em 480 milhões de pessoas - a estimativa da ONU da população global até o ano 2050. O aumento da mortalidade afeta as famílias e as comunidades de várias maneiras. As crianças podem ficar sem os pais, aumentando os níveis de orfandade. Em 2001, 13,2 milhões de crianças perderam pelo menos um dos pais devido à AIDS. A mortalidade dos pais por AIDS eventualmente resultará em declínio da nutrição familiar, deterioração da condição econômica e aumento do número de crianças fora da escola (especialmente meninas), o que leva à deseducação da geração futura (Zanakis, Alvarez & Li, 2007).

Diferenças consideráveis de HIV / AIDS entre as nações foram atribuídas à pobreza e à instabilidade econômica (riqueza da nação), migração (rural para urbana e estrangeira), educação (alfabetização), acesso a serviços de saúde, uso de drogas e doenças sexualmente transmissíveis. A AIDS mata pessoas e também a atividade econômica, a influência da AIDS no PIB subestima o impacto da AIDS na humanidade. O impacto do HIV / AIDS na família não só reverte a capacidade de acumular poupança, mas também reduz o consumo, gerando menor capacidade de ganho, produtividade e maiores custos médicos, funerários e legais. Mesmo com a ajuda de organizações globais, uma nação com baixo crescimento econômico dificilmente pode pagar os custos de terapia anti-retroviral altamente ativa e programas de prevenção (Zanakis, Alvarez & Li, 2007).

2.1.4 SARS

SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) foi uma nova doença que surgiu no outono de 2002, e que ocorreu pela primeira vez na província de Guangdong, China, e se espalhou para 29 países com 8.422 casos e 916 mortes. Após um esforço de saúde pública global sem precedentes, a epidemia foi controlada em 7 meses de sua ocorrência original (Cherry & Krogstad, 2004).

O possível impacto econômico da SARS foi o foco de várias estimativas e algumas conjecturas. Durante o surto, houve uma queda notável na receita de viagens e turismo para muitos países afetados. Também foi antecipado que o medo de doenças impactaria as indústrias que reúnem pessoas em locais públicos, como restaurantes, cinemas e estabelecimentos de varejo (Keogh-Brown & Smith, 2008).



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

2.1.5 Gripe “suína”

Em abril de 2009, uma nova cepa do vírus da gripe, A/H1N1, comumente conhecida como “gripe suína”, começou a se espalhar em vários países ao redor do mundo. A evidência de que esta nova cepa poderia passar de humano para humano levou a Organização Mundial da Saúde a elevar rapidamente seu nível de alerta de pandemia para a fase 5, representando “um forte sinal de que uma pandemia é iminente e que é hora de finalizar a organização, comunicação e implementação de as medidas de mitigação planejadas são curtas. Isso foi posteriormente elevado para a fase 6, indicando que uma pandemia global completa estava em andamento. As medidas de mitigação no Reino Unido se concentraram em identificar, tratar e isolar as pessoas que tinham a doença e educar o público sobre as medidas que os indivíduos podem tomar para reduzir o risco de transmissão. Essas recomendações incluem o uso de lenços de papel ao espirrar, lavar as mãos regularmente com água e sabão e estabelecer uma rede de “amigos da gripe” para fornecer assistência mútua caso alguém fique doente (Rubin, Amlôt, Page & Wessely, 2009).

Além dos impactos diretos sobre a saúde de um surto grave, é preocupante o impacto econômico; especialmente em um momento de recessão global. O planejamento de preparação para uma pandemia deve, portanto, equilibrar duas vertentes políticas principais - manter “negócios como de costume” para minimizar o impacto econômico de uma pandemia e encorajar o “distanciamento social” para minimizar o impacto relacionado à saúde de uma pandemia - além de usar recursos como antivirais e vacinas (Smith, Keogh-Brown, Barnett & Tait, 2009).

2.1.6 Gripe aviária

Em 5 de fevereiro de 2005, um editorial alertou aos leitores de que um surto de gripe aviária em que o vírus seria transmitido não de aves para pessoas, mas entre pessoas, poderia matar 1,5 bilhão e que a ciência e a sociedade não estavam preparadas. A gripe aviária atraiu maior cobertura da mídia desde o final de 2004, uma cobertura que se intensificou ainda mais após meados de 2005, especialmente em outubro de 2005 (Nerlich & Halliday, 2007).

A disseminação global do vírus da influenza aviária H5N1 prejudicou amplamente as economias em todo o mundo e a segurança alimentar nos países em desenvolvimento. A disseminação da infecção para novos ecossistemas resulta na adaptação do vírus a novos hospedeiros, incluindo humanos, o que amplifica o potencial para uma pandemia de gripe. Como é reconhecido que os vírus da influenza aviária podem ser os progenitores do próximo vírus pandêmico humano, sua evolução genética deve ser rastreada em detalhes e prontamente investigada (Bogner, Capua, Lipman & Cox, 2006).

2.1.7 Ebola

A doença causada pelo vírus Ebola está associada a uma taxa de letalidade de 30 a 90%, dependendo da espécie do vírus. Condições específicas em hospitais e comunidades na África facilitam a propagação da doença de pessoa para pessoa. Em 10 de março de 2014, hospitais e serviços públicos de saúde alertaram o Ministério da Saúde Africano sobre grupos de uma doença misteriosa caracterizada por febre, diarreia severa, vômito e aparente alta taxa de fatalidade (Baize, 2014).

Após a declaração do surto em 1^o de agosto de 2018, equipes de resposta rápida que incluíam médicos, epidemiologistas e autoridades locais de saúde pública foram enviadas para zonas de saúde. As equipes de resposta entrevistaram pacientes e contatos domiciliares para identificar casos e contatos secundários. Para acabar com o surto, são necessários comunicação aprimorada e envolvimento comunitário eficaz, tempo de intervenções durante períodos de relativa estabilidade e treinamento intensivo de residentes locais para gerenciar



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

atividades de resposta com supervisão periódica por pessoal nacional e internacional (Aruna, 2019).

O surto de Ebola minou seriamente a economia em toda a África Ocidental. Em Serra Leoa em 2015 custou US\$ 6 bilhões em custos diretos (hospitais, equipe, medicamentos), e os custos diretos sozinhos somam 3 anos de financiamento para a Organização Mundial da Saúde (OMS). Calculou-se que houve uma perda econômica de US\$ 1,6 bilhão para os países em comparação com o crescimento econômico do ano anterior de 2014 (Qiu, Rutherford, Mao & Chu, 2017).

2.1.8 Zika Vírus

Em 1947, um estudo sobre a febre amarela produziu o primeiro isolamento de um novo vírus, do sangue de um macaco *rhesus* sentinela colocado na floresta do Zika em Uganda. O vírus do Zika permaneceu em relativa obscuridade por quase 70 anos; então, no espaço de apenas um ano, o vírus Zika foi introduzido no Brasil a partir das ilhas do Pacífico e se espalhou rapidamente pelas Américas. Ele se tornou a primeira grande doença infecciosa ligada a defeitos congênitos humanos a ser descoberta em mais de meio século e criou tal alarme global que a OMS declararia uma Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional (Petersen, Jamieson, Powers & Honein, 2016).

A cocirculação do zika vírus e vírus chikun-gunya foi documentada na Polinésia Francesa e no Brasil, mas provavelmente também ocorre nas Américas, Ásia, várias ilhas do Pacífico e África, onde estes são endêmicos. Agora está claro que o zika vírus está se espalhando para todos os países infestados com mosquitos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus* (Musso & Gubler, 2016).

A infecção pelo Zika pode levar a uma constelação de sintomas que incluem febre, erupção cutânea, dor nas articulações, conjuntivite, dor muscular e dor de cabeça que têm inúmeras repercussões nos custos médicos e na produtividade. O vírus Zika também foi associado a sequelas clínicas mais substanciais, como a síndrome de Guillain-Barré e defeitos congênitos graves, incluindo microcefalia (Lee, Alfaro-Murillo & Parpia, 2017).

As consequências econômicas também são provavelmente importantes. Os pais das crianças com microcefalia incorrerão em custos diretos (por exemplo, pagamento de medicamentos) e indiretos (por exemplo, perda de produtividade). Esse impacto é potencialmente exacerbado pelo fato de que o Zika afeta desproporcionalmente os pobres, que são menos capazes de lidar com esse fardo econômico. O governo também gastará dinheiro com a prestação de serviços sociais e de saúde para as crianças afetadas e seus cuidadores. É importante calcular esses custos econômicos, para que os tomadores de decisão possam entender o impacto econômico de cada caso e serem capazes de compará-lo com outras doenças e preparar orçamentos apropriados. As primeiras estimativas sugerem que cada caso de microcefalia incorre em custos médicos diretos de US\$ 91.102 e US\$ 28.818 por vida para a América Latina e o Caribe, respectivamente (Kuper & Valongueiro, 2018).

2.2 A Pandemia por COVID-19 e a Economia

A literatura econômica sobre o controle ideal de doenças é esparsa e seus modelos lidam principalmente com o comportamento individual e as externalidades da tomada de decisão individual com relação ao tratamento, vacinação ou distanciamento social. Os custos e benefícios nos modelos de controle ideal existentes são normalmente relacionados ao estado de saúde dos indivíduos, calculados pela atribuição de valores ou pesos aos indivíduos de acordo com seu estado de saúde (Rowthorn & Maciejowski, 2020).

O COVID-19 está causando as perdas mais graves às economias de muitas nações (Yamin, 2020). Estima-se que o surto atual de COVID-19 custe US\$ 1 trilhão para a



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

economia mundial durante o ano 2020. De acordo com especialistas, esse impacto é ainda pior do que a Grande Crise Financeira que o mundo enfrentou em 2007–2008. Os países estão reduzindo as taxas de juros e revisando seus gastos (Kabir, Afzal, Khan & Ahmed, 2020).

Os políticos em muitos países responderam para salvar suas economias (Yamin, 2020). Para mitigar o impacto socioeconômico do COVID-19, a União Europeia (UE) iniciou várias intervenções, incluindo um pacote financeiro de 540 bilhões de euros para apoiar empresas e trabalhadores na UE. A maioria dessas intervenções foi limitada a impulso fiscal imediato, diferimentos e provisões e garantias de liquidez. Isso incluiu o diferimento de pagamentos como impostos e seguridade social e linhas de crédito por meio de bancos nacionais para os setores público e privado. Gastos adicionais do governo com suprimentos médicos e nos setores de saúde, salários e reajustes de salários também prevaleceram entre as várias medidas tomadas (Antwi, Getty, Linnane & Rolston, 2020).

O pagamento automático de benefícios sociais e o baixo crescimento significaram que a dívida nacional aumentou na maioria dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) após a crise financeira. Na França, aumentou de 87,8% em 2011 para 98,4% em 2018, na Itália de 119,7% para 134,8%, no Reino Unido de 80,1% para 85,7% e nos Estados Unidos de 99,8% para 106,9%. A exceção foi a Alemanha, onde o nível caiu de 79,8% para 61,9% (Daunton, 2020).

A compra de títulos de longo prazo no mercado aberto para aumentar a oferta de moeda e encorajar empréstimos e investimentos por parte dos bancos centrais adotado nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e, eventualmente, na União Europeia teve graves consequências distributivas que contribuíram para a fragilidade da economia em 2020. Levando a preços de ativos mais altos que beneficiaram os 10% mais ricos; sua riqueza e renda aumentaram e, dada sua menor propensão a consumir, o resultado foi um excesso de poupança dos ricos (Daunton, 2020).

Em contraste, a austeridade significou que os 90% mais baixos da distribuição de renda se voltaram para a dívida privada e "poupavam" para manter o consumo. O aumento do endividamento significava que tinham maiores dificuldades para manter os gastos, o que levou à fragilidade econômica - e o governo de países pobres não interferiram com gastos públicos suficientes para manter o consumo geral. A tributação não mais contribuiu para reduzir a desigualdade de renda e riqueza, e as disparidades continuaram para aumentar com o ressentimento e a desilusão que alimentaram o populismo e o nacionalismo econômico (Daunton, 2020).

O potencial da pandemia de interromper os arranjos de governança está parcialmente ligado ao fato de ter destacado a fragilidade de um sistema econômico global que, até agora, parecia o único possível; ter exposto e agravado desigualdades estruturais em níveis locais a globais; e o fato de ter solicitado uma ampla intervenção estatal para enfrentar a emergência sanitária e as consequências econômicas resultantes, potencialmente reformulando os discursos públicos sobre o papel do Estado e do mercado nos próximos anos (Cotula, 2021).

3 Metodologia

Com a crescente quantidade de informações surge uma dificuldade em delimitar uma amostra representativa e relevante do tema (Mariano & Rocha, 2017). Construir sua pesquisa e relacioná-la com o conhecimento existente é o alicerce de todas as atividades de pesquisa acadêmica, independentemente da disciplina (Snyder, 2019). Nesse contexto surge a revisão sistemática.

A revisão sistemática foi proposta como forma de atualização para atingir a melhor evidência disponível; requer métodos desenvolvidos e exigentes para identificar, avaliar e sintetizar pesquisa relevante; busca selecionar estudos primários com uma metodologia



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

similar (Elliott, 2017; Cordeiro, Oliveira, Rentería & Guimarães 2007). Entretanto, convencionalmente as pesquisas não são atualizadas, podendo desperdiçar uma contribuição em potencial (Elliott, 2017).

O primeiro passo é a verificação se há a necessidade de uma nova revisão. É realizada uma pesquisa e análise inicial das revisões existentes para satisfazer o requisito de uma contribuição para a disciplina e seus constituintes (Torraco, 2005).

Em seguida, formula-se a questão norteadora. Nesta, o público avaliado e a intervenção estudada são critérios de inclusão para os estudos (Cordeiro, Oliveira, Rentería & Guimarães 2007).

Recomenda-se a utilização do PICO para elaboração da questão (Santos, Pimenta & Nobre, 2007):

- População;
- Intervenção;
- Comparação ou Controle;
- Outcome (desfecho ou resultado).

Estes quatro elementos são considerados fundamentais na elaboração a pergunta norteadora (Santos, Pimenta & Nobre, 2007).

Considera-se como população todos os países em que foram realizados os estudos sobre a pandemia de COVID-19, como intervenção serão incluídos os estudos que tiveram como medida de prevenção o lockdown, para a comparação utilizar-se-á semelhanças e diferenças com recessões anteriores e para os resultados considera-se estudos avaliando a situação econômica.

Assim, formula-se a seguinte questão norteadora: Quais as evidências disponíveis dos possíveis impactos para a economia mundial devido ao lockdown para evitar a propagação da pandemia por COVID-19?

A seguir, define-se bases de busca de dados. As bases de dados escolhidas para esta pesquisa são: Web of Science e Scopus.

A busca por estudos deve ser extensa. Os critérios de seleção do estudo devem fluir diretamente das perguntas da revisão e devem ser especificados a priori. Razões para inclusão e exclusão devem ser registradas (Khan, Kunz, Kleijnen & Antes, 2003).

Como critérios de inclusão foi estabelecido que:

- a) Serão incluídos trabalhos publicados e disponíveis integralmente em bases de dados científicas;
- b) Serão incluídos trabalhos recentes que já possuam aprovação pela comunidade científica;
- c) Serão incluídos artigos em inglês e português;
- d) Serão incluídos artigos da área de pesquisa de Business/Economics;
- e) Serão incluídos todos os artigos publicados até janeiro de 2021.

Estabeleceu-se como critérios de exclusão:

- a) Serão excluídos trabalhos publicados como artigos curtos ou pôsteres;
- b) Serão excluídos trabalhos que não abordam a linha de pesquisa;
- c) Serão excluídos artigos repetidos;
- d) Serão excluídas revisões da literatura.

Foram construídas strings com as palavras-chave e seus sinônimos. As strings serão submetidas às máquinas de busca. Assim, tem-se como busca os termo: ('COVID-19' OR 'coronavirus' OR 'SARS-CoV-19') AND ('economic' OR 'socio-economic' OR 'investment recovery' OR 'cost of containment measures' OR 'productivity') AND ('lockdown') e seus respectivos termos em português, entretanto, para estes, não foram encontrados artigos.

Após isto, realiza-se uma avaliação crítica dos estudos incluídos na revisão. O pesquisador deve então realizar uma análise crítica sobre a qualidade de dados individuais, este passo é importante para saber se os dados estão de acordo com o interesse do estudo e, conseqüentemente, irão colaborar para o resultado final do estudo (Roman & Friedlander, 1998).

A princípio, todos os estudos foram revisados pelos pesquisadores com base na estratégia de busca proposta, e todos os artigos obtidos foram transportados para o software Mendeley, e, em seguida, os itens duplicados foram removidos.

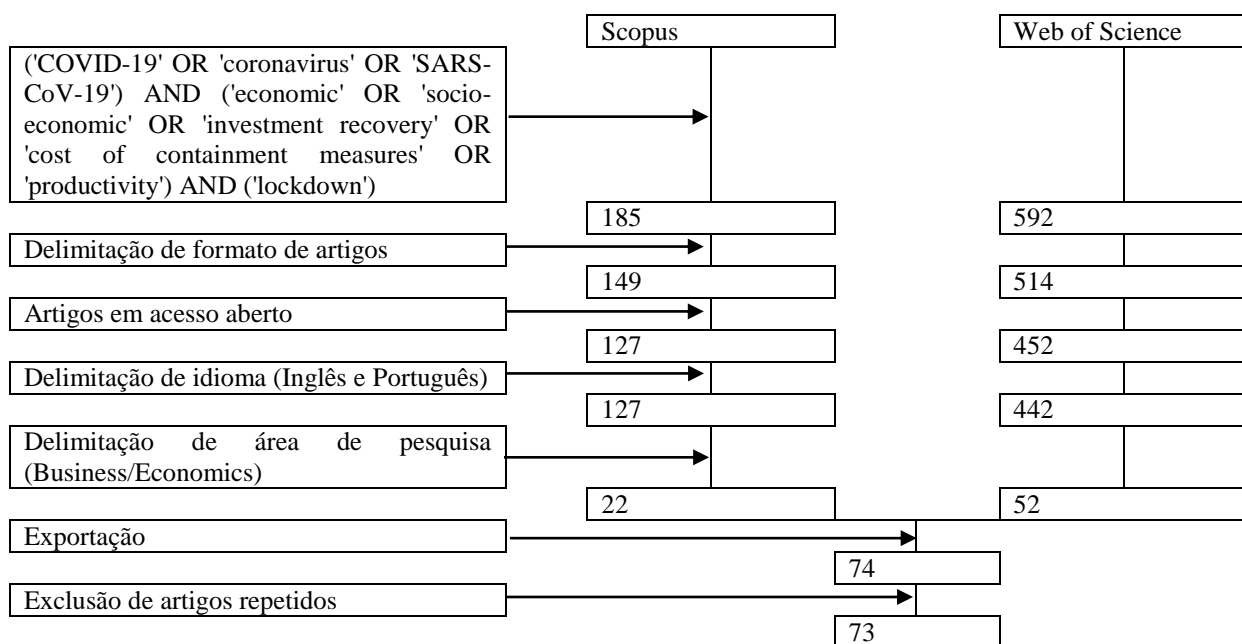
Para aplicação do critério de exclusão b) (Serão excluídos trabalhos que não abordam a linha de pesquisa), os autores, de forma independente, realizaram a leitura do título e resumo, excluíram os artigos que não tinham relevância para a questão de pesquisa, compararam os resultados entre si e as diferenças resolvidas por acordo. Os artigos que permaneceram foram lidos na íntegra, excluídos os não pertencentes à temática e novamente comparado os resultados entre os autores. Assim, obteve-se os estudos selecionados para esta revisão.

4 Resultados

A avaliação da qualidade do estudo é relevante para todas as etapas da revisão. Formulação da pergunta e critérios de seleção do estudo deve descrever o nível mínimo aceitável de projeto. Os estudos selecionados devem ser submetidos a uma avaliação de qualidade mais refinada, usando guias gerais de avaliação crítica e listas de verificação de qualidade baseadas no projeto. Essas avaliações detalhadas de qualidade serão usadas para explorar a heterogeneidade e informar as decisões sobre a adequação da revisão sistemática. Além disso, ajudam a avaliar a força das interferências e a fazer recomendações para pesquisas futuras (Khan, 2003).

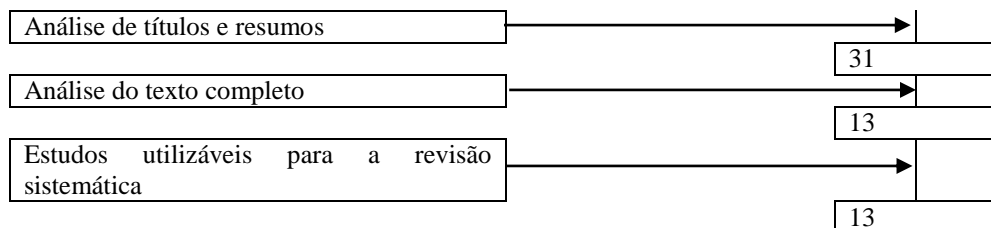
A partir disso, a busca inicial resultou em 777 resumos, dos quais 703 artigos foram excluídos, conforme demonstrado a seguir (Figura 1). Os 74 artigos restantes foram revisados e 31 foram considerados elegíveis para o estudo. Em seguida, os textos completos foram revisados de forma independente pelos dois pesquisadores. Eventualmente, 13 estudos formaram a revisão sistemática.

A partir de tais critérios, elaborou-se o seguinte organograma:





São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

**Figura 1.** Desenho do protocolo de pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos autores

Entre os artigos excluídos na análise de títulos e resumos, observou-se que 3 (7,14%) eram revisões da literatura e que 39 (92,86%) abordavam uma temática que divergia do objetivo do estudo. Após a leitura completa dos artigos, excluiu-se 18 artigos, 2 (11,11%) estavam indisponíveis em acesso aberto, 6 (33,33%) não se referiam à linha de pesquisa e 10 (55,55%) correspondiam a revisões de literatura.

A síntese dos dados consiste na tabulação das características, qualidade e efeitos do estudo para a comparação em todas as fontes primárias, esses displays aprimoram a visualização de padrões e relações dentro e entre fontes primárias de dados e servem como ponto inicial para interpretação (Whittemore & Knafl, 2005). Conforme realizado a seguir na Tabela 1 e na Tabela 2.

Tabela 1

Sumarização dos Resultados Encontrados

n	Artigo	Objetivo do estudo
1	Birinci, S., Karahan, F., Mercan, Y., & See, K. (2021). Labor market policies during an epidemic. <i>Journal of Public Economics</i> , 194.	Analisar os efeitos diferenciais das transferências diretas aos desempregados por meio de uma expansão do benefício do seguro desemprego em comparação com a concessão de subsídios à folha de pagamento às empresas para preservar os empregos em virtude do Covid-19.
2	Büchel, K., Legge, S., Pochon, V., & Wegmüller, P. (2020). Swiss trade during the COVID-19 pandemic: an early appraisal. <i>Swiss Journal of Economics and Statistics</i> , 156(1).	Examinar o impacto da COVID -19 no comércio internacional de mercadorias entre janeiro e julho de 2020.
3	Chowdhury, E. K., Khan, I. I., & Dhar, B. K. (2021). Catastrophic impact of Covid-19 on the global stock markets and economic activities. <i>Business and Society Review</i> .	Conhecer a influência da COVID-19 nos mercados de ações e nas atividades econômicas em todo o mundo.
4	Elleby, C., Domínguez, I. P., Adenauer, M., & Genovese, G. (2020). Impacts of the COVID-19 Pandemic on the Global Agricultural Markets. <i>Environmental and Resource Economics</i> , 76(4), 1067–1079.	Analisar os impactos sobre os mercados agrícolas globais do choque de demanda causado pela pandemia do COVID-19 e da primeira onda de medidas de bloqueio impostas pelos governos no primeiro semestre de 2020 para contê-lo.
5	Fezzi, C., & Fanghella, V. (2020). Real-Time Estimation of the Short-Run Impact of COVID-19 on Economic Activity Using Electricity Market Data. <i>Environmental and Resource Economics</i> , 76(4), 885–900.	Monitorar em tempo real o impacto do COVID-19 na economia. Compreender o impacto causal das políticas destinadas a responder a a pandemia COVID-19.
6	Haddad, E. A., Perobelli, F. S., Araújo, I. F., & Bugarin, K. S. S. (2020). Structural propagation of pandemic shocks: an input–output analysis of the economic costs of COVID-19. <i>Spatial Economic Analysis</i> .	Avaliar os custos econômicos diários de estratégias de controle para mitigar os efeitos do coronavírus.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

7	Havrlant, D., Darandary, A., & Muhsen, A. (2020). Early estimates of the impact of the COVID-19 pandemic on GDP: a case study of Saudi Arabia. <i>Applied Economics</i> .	Verificar choques de demanda para setores individuais. Obter estimativas iniciais do impacto sobre o PIB setorial e geral.
8	Jaravel, X., & O’Connell, M. (2020). High-Frequency Changes in Shopping Behaviours, Promotions and the Measurement of Inflation: Evidence from the Great Lockdown*. <i>Fiscal Studies</i> , 41(3), 733–755.	Investigar as causas do pico inflacionário no início do bloqueio. Quantificar o impacto das mudanças de alta frequência nos comportamentos de compra e promoções na medição da inflação.
9	Luo, S., & Tsang, K. P. (2020). China and World Output Impact of the Hubei Lockdown During the Coronavirus Outbreak. <i>Contemporary Economic Policy</i> , 38(4), 583–592.	Estimar do impacto econômico do coronavírus na China e na economia global.
10	Villani, D., & Fana, M. (2020). Productive integration, economic recession and employment in Europe: an assessment based on vertically integrated sectors. <i>Journal of Industrial and Business Economics</i> .	Mapear grau de integração produtiva na Europa, com foco na geração de empregos na produção de insumos intermediários e bens finais exportados. Fornecer avaliação preliminar do impacto potencial sobre o emprego que a atual crise econômica terá sobre algumas atividades manufatureiras na Europa.
11	Walmsley, T. L., Rose, A., & Wei, D. (2020). Impacts on the U.S. macroeconomy of mandatory business closures in response to the COVID-19 Pandemic. <i>Applied Economics Letters</i> .	Captar o impacto dos fechamentos obrigatórios.
12	Yu, K. D. S., Aviso, K. B., Santos, J. R., & Tan, R. R. (2020). The Economic Impact of Lockdowns: A Persistent Inoperability Input-Output Approach. <i>Economies</i> , 8(4), 109.	Desenvolver um modelo para atender à necessidade de dar conta da interrupção sustentada resultante da paralisação prolongada das operações de negócios.
13	Zoller-Rydzek, B., & Keller, F. (2020). COVID-19: Guaranteed loans and zombie firms. <i>CESifo Economic Studies</i> , 66(4), 322–364.	Investigar o impacto do programa federal de empréstimos suíços nas atividades comerciais devido à crise do COVID-19.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Entre os artigos utilizados para desenvolvimento do estudo, apresentou-se publicações de 2020 (11, 84,62%) e de 2021 (2, 15,38%). Vale ressaltar que para o ano de 2021 só foi levado em consideração as publicações do mês de janeiro (Tabela 1).

Tabela 2

Caracterização dos Resultados quanto ao País de Estudo, Tipo de Estudo, Delineamento e Qualificação do Trabalho

n	País do Estudo	Tipo de Estudo	Delineamento	Qualificação do Trabalho
1	Estados Unidos	Quantitativa correlacional	Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia
2	Suíça	Quantitativa correlacional	Experimental	Pandemia na economia dos países
3	Países da África, América, Ásia e Europa	Quantitativa exploratória	Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia
4	Escala global	Quantitativa explicativa	Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia

5	Itália	Quantitativa descritiva	Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia
6	Brasil	Quantitativa exploratória	Experimental	Pandemia na economia dos países
7	Arábia Saudita	Quantitativa descritiva	Não-Experimental	Pandemia na economia dos países
8	Grã-Bretanha	Quantitativa descritiva	Não-Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia
9	China	Quantitativa descritiva	Experimental	Pandemia na economia dos países
10	Países da Europa	Quantitativa descritiva	Não-Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia
11	Estados Unidos	Qualitativa exploratória	Não-Experimental	Pandemia na economia dos países
12	Filipinas	Quantitativa descritiva	Experimental	Pandemia na economia dos países
13	Suíça	Quantitativa exploratória	Experimental	Desenvolvimento dos negócios durante a pandemia

Fonte: Elaborada pelos autores.

No geral, a distribuição da localidade dos estudos não se repetia, exceto para os Estados Unidos (2, 15,38%), Suíça (2, 15,38%) e estudos gerais, que replicou os países da Europa (2, 15,38%). Quanto ao tipo de estudo, observou-se estudos qualitativos exploratórios (1, 7,69%), quantitativo explicativo (1, 7,69%), quantitativos correlacionais (2, 15,38%), quantitativo exploratório (3, 23,08%) e quantitativo descritivo (6, 46,15%). Quanto ao delineamento, obteve-se estudos não-experimentais (4, 30,77%) e estudos experimentais (9, 69,23%). E quanto à qualificação do trabalho, agrupou-se em pandemia na economia dos países (6, 46,15%) e desenvolvimento dos negócios durante a pandemia (7, 53,85%) (Tabela 2).

4.1 Resumo dos Resultados

Birinci, Karahan, Mercan e See (2021) observou que a produção agregada permanece três por cento abaixo do nível anterior à crise, devido à perda de capital de contrapartida construída sobre relações de emprego de longo. Büchel, Legge, Pochon e Wegmüller (2020) constatou que devido ao lockdown em meados de março e o final de julho, a economia suíça sofreu perdas comerciais de 14 bilhões de CHF nas exportações e 15 bilhões de CHF nas importações em comparação com 2019.

Chowdhury, Khan e Dhar (2021) analisou que o número de dias de bloqueio e novos pacientes corona afetam significativamente o preço das ações de empresas. Conforme Elleby, Domínguez, Adenauer e Genovese (2020), examinou-se que recessão econômica exerce pressão sobre os preços. Segundo Fezzi e Fanghella (2020), desenvolveu metodologia para aproveitar a riqueza de informações contidas nos dados do mercado.

Haddad, Perobelli, Araújo e Bugarin (2020) pesquisou que perdas econômicas estão concentradas nas regiões que mais contribuem para o produto regional bruto (GRP) do estado. Havrlant, Darandary e Muhsen (2020) estudou que o impacto negativo do bloqueio econômico da COVID-19 resulta em um desvio real do PIB de - 7,2%. Jaravel e O’Connell



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

(2020) investigou que os gastos mudaram mais do que o normal durante o lockdown. Luo e Tsang (2020) descobriu que a China sofrerá uma perda de produção de 3,9% a 4,6%, e o impacto global ficará em torno de 1%.

Villani e Fana (2020) mapeou que a maior parte dos empregos envolvidos na produção do produto final das atividades estudadas no trabalho está vinculada ao comércio internacional. Walmsley, Rose e Wei (2020) detectou que as As perdas são maiores para a economia dos EUA porque ela produz e exporta uma parcela maior de bens e serviços não essenciais do que a China e o resto do mundo. Yu, Aviso, Santos e Tan (2020) confirmou que setores inicialmente não afetados podem sofrer níveis de inoperabilidade maiores do que setores diretamente afetados ao longo do tempo. E Zoller-Rydzek e Keller (2020) demonstrou que os empréstimos garantidos são mais do que suficientes para todas as empresas cobrirem seus custos operacionais fixos, mas nem todas as empresas serão capazes de pagar suas dívidas após a crise.

5 Discussão

Trata-se da primeira revisão sistemática que visa avaliar os possíveis impactos para a economia mundial em decorrência da pandemia por COVID-19 através de uma revisão sistemática. Identificou-se 13 estudos sobre os possíveis impactos para a economia mundial devido ao lockdown para evitar a propagação da pandemia por COVID-19, os quais mantiveram duas linhas de pesquisas: 1) Pandemia na Economia dos Países e 2) Mercado Global com a Implementação do Lockdown. Por essa razão, dividiu-se a discussão em dois tópicos.

5.1 Pandemia na Economia dos Países

Os estudos mostram que a atual pandemia prejudica o PIB, pois enfraquece diretamente a economia geral de uma região. Isso é corroborado pela visão de que a redução do consumo afeta a economia das economias regionais. Em outras palavras, múltiplos fatores socioeconômicos reduzem a taxa econômica e desaceleram a economia global.

O modelo *input-output* foi aplicado de uma forma inovadora para fornecer estimativas iniciais do impacto da pandemia COVID-19 no PIB em um momento em que nenhum ou poucos dados econômicos sólidos relacionados ao evento estão disponíveis. Os resultados mostram que perdas econômicas incorrem.

A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE; junho de 2020) previu uma queda de 6% no PIB global, enquanto o Banco Mundial (junho de 2020) previu uma contração de 5,2%. Similarmente, encontrou-se uma forte redução do PIB de curto prazo em 2020, com uma redução estimada de -5,1% em comparação com a linha de base da França. Essa estimativa está alinhada com as projeções publicadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) (-5%) e pelo Banco da França (-6%). Em comparação, em 2009, a economia global encolheu apenas 0,1% (Greene & Rosiello, 2020).

Este colapso na atividade econômica resulta diretamente da queda repentina na demanda agregada desencadeada pelo lockdown. Portanto, ele é compartilhado por todos os cenários COVID-19. Essa grande redução no PIB desencadeia um aumento correspondentemente grande no desemprego, com um salto de 2,9% na taxa de desemprego (Malliet, Reynès & Saussay, 2020).

Em todos os países, os economistas estão prevendo um grande aumento da dívida pública. O Reino Unido passou por esta experiência: após a Primeira Guerra Mundial, sua dívida subiu para 140% do PIB, levando o governo a se engajar em uma política de austeridade fiscal que levou a um elevado superávit primário durante os anos 1920. Os resultados foram desastrosos. A austeridade desacelerou o crescimento: a produção em 1928



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

permaneceu abaixo de 1918, enquanto a dívida pública continuou a aumentar para 170% do PIB em 1930. Após a Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido reduziu sua dívida pública de 259% em 1946 para 43% do PIB em 1980, mas sua taxa de crescimento no período foi substancialmente inferior às taxas de crescimento da França, Alemanha e Itália. Os Estados Unidos também reduziram sua dívida pública de 112 para 26% do PIB no mesmo período, mas o fizeram mantendo uma taxa de crescimento satisfatória - o que foi possível porque este país experimentou um enorme crescimento com a guerra (Bresser-Pereira, 2020).

Um modelo de previsão econômica para estimar o impacto econômico potencial de uma pandemia resultante da mutação da cepa da gripe aviária também foi aplicado por Bloom (2005). Estimou-se uma pandemia leve com uma taxa de ataque de 20%, uma taxa de letalidade de 0,5% e um choque de consumo de 3%. O PIB global é reduzido em 0,6% e o comércio global de bens e serviços contrai-se em US\$ 2,5 trilhões (14%) (McKibbin & Fernando, 2020). Logo, a pandemia por COVID-19 tem afetado mais a economia do que a pandemia por gripe aviária de 2005.

Os dados não sugerem apenas, no entanto, que o colapso induzido pelo COVID-19 foi mais rápido que a Segunda Guerra Mundial e a gripe aviária, mas que a recuperação também poderia ser mais rápida. Esse era o cenário previsto pelo Banco da Inglaterra em sua avaliação das perspectivas econômicas de maio de 2020, quando estimaram a perda do PIB em 2020 em cerca de 14%, pressupondo que o lockdown estabelecido em março seria facilitado a partir do final de junho.

Entretanto, aponta-se para padrões de cicatrização de longo prazo ou como a epidemia de gripe espanhola de 1918-1920 em que ocorreram ondas sucessivas da pandemia que interrompem a atividade econômica (Greene & Rosiello, 2020).

5.2 Mercado Global com a Implementação do Lockdown

A análise ajudou a avaliar o impacto do COVID-19 na economia global. A análise da taxa de crescimento econômico mundial mostra que a atual pandemia levou a crises de saúde generalizadas e danos econômicos. Uma integração econômica global é necessária para lidar com as implicações da pandemia do coronavírus. Uma parceria equilibrada entre os setores público e privado, que leve em consideração o contexto da economia e do sistema de saúde, e seja específica para a situação de cada país, ajudará as saúdes nacionais e internacional e a recuperação econômica. COVID-19 causou um caos maior do que as pandemias anteriores. Está representado em todos os estudos: a difusão global, suas implicações e como arruinou todos os setores, pequenos e grandes.

Na avaliação do impacto do COVID-19 nos mercados globais, inferiu-se que a pandemia afetou gravemente todos os países, especialmente os europeus. Com a diminuição do retorno médio, a volatilidade de todos os países aumentou. Uma consequência crucial do comércio de produtos intermediários nas últimas décadas é que uma parcela cada vez maior do emprego está ligada às decisões tomadas por empresas localizadas em outros lugares, o que torna o emprego mais vulnerável a decisões tomadas em terceiros países. Apesar de o crescimento no mercado intermediário ser uma tendência generalizada, a intensidade da produção de insumos intermediários não é uniforme entre os países.

Os mercados financeiros globais registraram quedas acentuadas e a volatilidade ficou em níveis semelhantes ou até mais altos do que na crise financeira que começou em 2008 (Fernandes, 2020; Cifuentes-Faura, 2021). No entanto, o choque negativo será heterogêneo entre setores e países, uma vez que algumas atividades estão mais expostas à crise atual do que outras.

As perdas relacionadas à COVID-19 podem ser atribuídas tanto à propagação da pandemia quanto às medidas de contingência implementadas por governos em todo o mundo.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

A contração nas exportações está correlacionada com o número de casos de COVID-19 confirmados em países importadores, enquanto as importações estão mais fortemente associadas ao rigor das medidas governamentais na economia exportadora.

Dois terços das empresas do Reino Unido experimentaram uma queda no faturamento, enquanto as evidências alemãs mostraram que as pequenas empresas perderam € 75 bilhões em faturamento somente em março de 2020. No Reino Unido, houve um aumento de 70% nas dissoluções de empresas em março de 2020, em comparação com março de 2019; nos Estados Unidos, constatou-se que 22% das empresas ficaram inativas devido ao lockdown; a China sofreu perdas de 13,5% em sua produção industrial, 21% nas vendas no varejo, 92% nas vendas de automóveis e 95% nos restaurantes.

Quanto ao valor das ações, um estudo mostrou o impacto da doença COVID-19 no mercado de ações. O resultado do experimento ilustrou que a taxa de crescimento diária de casos confirmados e mortes prejudica os retornos das ações de diferentes organizações. Outra pesquisa científica argumentou que nenhuma outra pandemia anterior, incluindo a gripe espanhola, teve um impacto mais significativo em seu mercado de ações em comparação com a pandemia de COVID-19 (Baker, 2020; Al-Awadhi, 2020).

6 Conclusão

O novo coronavírus, causador da COVID-19, surgiu na China no final de 2019 e se espalhou rapidamente pelo mundo, causando mais de 111.800.000 milhões de infecções e mais de 2.475.000 milhões de mortes, afetando praticamente todos os países (Worldometer, 2021). A Organização Mundial da Saúde declarou essa situação como uma emergência sanitária e a catalogou como uma pandemia em nível internacional. A partir disso, decidiu-se sintetizar as evidências disponíveis dos possíveis impactos para a economia mundial devido ao lockdown para evitar a propagação da pandemia por COVID-19 através de uma revisão sistemática, visando capturar a interação entre países e o efeito macroeconômico.

Os estudos econômicos ajudam os tomadores de decisão a administrar prioridades de gastos concorrentes e maximizar o impacto de seus recursos financeiros. Seus resultados podem gerar atividades de prevenção, preparação, resposta e recuperação.

Uma visão geral da literatura afirma que vários estudos foram realizados relacionados à pandemia. Alguns desses foram conduzidos com foco apenas no nível de consciência, nível de estresse, ansiedade, sustentabilidade, entre outros. Não há evidências de que alguma das pesquisas anteriores tenha realizado uma revisão sobre o objeto e o escopo do tópico que é escolhido neste estudo.

O lockdown é uma política de saúde pública e seu impacto usando as ferramentas que orientam as decisões de saúde no sistema de saúde público em diversos países é valorizado. Devido à crise de saúde, a economia foi drasticamente afetada, com uma diminuição nos gastos totais dos consumidores. É previsto que a crise do Coronavírus seja a maior crise econômica desde a Grande Depressão da década de 1930.

As implicações econômicas são amplas e incertas, com diferentes efeitos nos mercados de trabalho, mercados financeiros e a economia mundial. Os efeitos econômicos negativos podem variar de acordo com a sequência das medidas de distanciamento social (por exemplo, lockdown e políticas relacionadas), sua duração de implementação e o grau de conformidade. É necessário um planejamento de médio e longo prazo para que a economia seja reequilibrada após esta crise.

Os resultados desta revisão limitaram-se a artigos publicados em inglês o que representou um potencial problema. Uma oportunidade para pesquisas futuras é comparar os dados em um período posterior, quando a pandemia se estabilizar, e testar a eficácia das medidas que foram finalmente implementadas. A seleção de países específicos (os mais



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

afetados pela pandemia, em vez de todos eles) também é uma limitação e uma área para pesquisas futuras.

Referências Bibliográficas

Ahmad, T., Haroon, M. B., & Hui, J. (2020). Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Pandemic and economic impact. *Pakistan journal of medical sciences*, 36(COVID19-S4), S73.

Al- Awadhi, A. M., Alsaifi, K., Ahmad, A., & Alhammadi, S. (2020). Death and contagious infectious diseases: Impact of the COVID- 19 virus on stock market return. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 27, 100326.

Antwi, S. H., Getty, D., Linnane, S., & Rolston, A. (2020). COVID-19 water sector responses in Europe: A scoping review of preliminary governmental interventions. *Science of The Total Environment*, 143068.

Aruna, A., Mbala, P., Minikulu, L., Mukadi, D., Bulemfu, D., Edidi, F., ... & Worrell, M. C. (2019). Ebola Virus Disease Outbreak—Democratic Republic of the Congo, August 2018–November 2019. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 68(50), 1162.

Baker, S. R., Bloom, N., Davis, S. J., Kost, K., Sammon, M., & Viratyosin, T. (2020). The unprecedented stock market reaction to COVID-19. *The Review of Asset Pricing Studies*, 10(4), 742-758.

Barua, S. (2020). Understanding Coronanomics: The economic implications of the coronavirus (COVID-19) pandemic.

Baize, S., Pannetier, D., Oestereich, L., Rieger, T., Koivogui, L., Magassouba, N. F., ... & Günther, S. (2014). Emergence of Zaire Ebola virus disease in Guinea. *New England Journal of Medicine*, 371(15), 1418-1425.

Birinci, S., Karahan, F., Mercan, Y., & See, K. (2021). Labor market policies during an epidemic. *Journal of Public Economics*, 194, 104348.

Bogner, P., Capua, I., Lipman, D. J., & Cox, N. J. (2006). A global initiative on sharing avian flu data. *Nature*, 442(7106), 981-981.

Bonaccorsi, G., Pierri, F., Cinelli, M., Flori, A., Galeazzi, A., Porcelli, F., ... & Pammolli, F. (2020). Economic and social consequences of human mobility restrictions under COVID-19. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 117(27), 15530-15535.

Bresser-Pereira, L. C. (2020). Financing COVID-19, inflation and fiscal constraint. *Brazilian Journal of Political Economy*, 40(4), 604-621.

Büchel, K., Legge, S., Pochon, V., & Wegmüller, P. (2020). Swiss trade during the COVID-19 pandemic: an early appraisal. *Swiss journal of economics and statistics*, 156(1), 1-15.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Caballero, C. S., Escosura, L. P., & Nogal, C. A. (2020). *Economic effects of the Black Death: Spain in European perspective* (No. 30466). Universidad Carlos III de Madrid. Instituto Figuerola.

Cherry, J. D., & Krogstad, P. (2004). Sars: The first pandemic of the 21 st century. *Pediatric research*, 56(1), 1-5.

Chowdhury, E. K., Khan, I. I., & Dhar, B. K. (2021). Catastrophic impact of Covid- 19 on the global stock markets and economic activities. *Business and Society Review*.

Cifuentes-Faura, J. (2021). Analysis of containment measures and economic policies arising from COVID-19 in the European Union. *International Review of Applied Economics*, 1-14.

Cordeiro, A. M., de Oliveira, G. M., Rentería–TCBC-RJ, J. M., & Guimarães–TCBC-RJ, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa.

Cotula, L. (2021). Towards a political economy of the COVID-19 crisis: Reflections on an agenda for research and action. *World Development*, 138, 105235.

Daunton, M. (2020). From global financial crisis to COVID-19: Paying the costs. *Journal of Modern European History*, 1611894420974281.

Elleby, C., Domínguez, I. P., Adenauer, M., & Genovese, G. (2020). Impacts of the COVID-19 pandemic on the global agricultural markets. *Environmental and Resource Economics*, 76(4), 1067-1079.

Elliott, J. H., Synnot, A., Turner, T., Simmonds, M., Akl, E. A., McDonald, S., ... & Pearson, L. (2017). Living systematic review: 1. Introduction—the why, what, when, and how. *Journal of clinical epidemiology*, 91, 23-30.

Eyawo, O., Viens, A. M., & Ugoji, U. C. (2021). Lockdowns and low-and middle-income countries: building a feasible, effective, and ethical COVID-19 response strategy. *Globalization and health*, 17(1), 1-5.

Fernandes, N. (2020). Economic effects of coronavirus outbreak (COVID-19) on the world economy. Available at SSRN 3557504.

Fezzi, C., & Fanghella, V. (2020). Real-time estimation of the short-run impact of COVID-19 on economic activity using electricity market data. *Environmental and Resource Economics*, 76(4), 885-900.

Flecknoe, D., Wakefield, B. C., & Simmons, A. (2018). Plagues & wars: the ‘Spanish Flu’ pandemic as a lesson from history. *Medicine, Conflict and Survival*, 34(2), 61-68.

Gopalan, H. S., & Misra, A. (2020). COVID-19 pandemic and challenges for socio-economic issues, healthcare and national programs in India. *Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews*.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Gössling, S., Scott, D., & Hall, C. M. (2020). Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(1), 1-20.

Greene, F. J., & Rosiello, A. (2020). A commentary on the impacts of ‘Great Lockdown’ and its aftermath on scaling firms: What are the implications for entrepreneurial research?. *International Small Business Journal*, 38(7), 583-592.

Haddad, E. A., Perobelli, F. S., Araújo, I. F., & Bugarin, K. S. (2020). Structural propagation of pandemic shocks: an input–output analysis of the economic costs of COVID-19. *Spatial Economic Analysis*, 1-19.

Havrlant, D., Darandary, A., & Muhsen, A. (2020). Early estimates of the impact of the COVID-19 pandemic on GDP: a case study of Saudi Arabia. *Applied Economics*, 1-9.

Holzinger, B., Mayer, L., Nierwetberg, F., & Klösch, G. (2021). COVID-19 Lockdown-Are Austrians finally able to compensate their Sleep Debt?. *Sleep Medicine: X*, 100032.

Jaravel, X., & O'Connell, M. (2020). High-Frequency Changes in Shopping Behaviours, Promotions and the Measurement of Inflation: Evidence from the Great Lockdown. *Fiscal Studies*, 41(3), 733-755.

Kabir, M., Afzal, M. S., Khan, A., & Ahmed, H. (2020). COVID-19 pandemic and economic cost; impact on forcibly displaced people. *Travel medicine and infectious disease*.

Keogh-Brown, M. R., & Smith, R. D. (2008). The economic impact of SARS: how does the reality match the predictions?. *Health policy*, 88(1), 110-120.

Khan, K. S., Kunz, R., Kleijnen, J., & Antes, G. (2003). Five steps to conducting a systematic review. *Journal of the royal society of medicine*, 96(3), 118-121.

Kuper, H., Lyra, T. M., Moreira, M. E. L., de Albuquerque, M. D. S. V., de Araújo, T. V. B., Fernandes, S., ... & Valongueiro, S. (2018). Social and economic impacts of congenital Zika syndrome in Brazil: Study protocol and rationale for a mixed-methods study. *Wellcome open research*, 3.

Lee, B. Y., Alfaro-Murillo, J. A., Parpia, A. S., Asti, L., Wedlock, P. T., Hotez, P. J., & Galvani, A. P. (2017). The potential economic burden of Zika in the continental United States. *PLoS neglected tropical diseases*, 11(4), e0005531.

Luo, S., & Tsang, K. P. (2020). China and World output impact of the Hubei lockdown during the coronavirus outbreak. *Contemporary Economic Policy*, 38(4), 583-592.

Malliet, P., Reynès, F., Landa, G., Hamdi-Cherif, M., & Saussay, A. (2020). Assessing short-term and long-term economic and environmental effects of the COVID-19 crisis in France. *Environmental and Resource Economics*, 76(4), 867-883.

Mariano, A. M., & Rocha, M. S. (2017). Revisão da literatura: apresentação de uma abordagem integradora. In *AEDEM International Conference* (Vol. 18, pp. 427-442).



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

- Martínez, M., Luis, E. O., Oliveros, E. Y., Fernández-Berrocal, P., Sarrionandia, A., Vidaurreta, M., & Bermejo-Martins, E. (2021). Validity and reliability of the Self-Care Activities Screening Scale (SASS-14) during COVID-19 lockdown. *Health and Quality of Life Outcomes*, 19(1), 1-12.
- Merson, M. H. (2006). The HIV–AIDS pandemic at 25—the global response. *New England Journal of Medicine*, 354(23), 2414-2417.
- McKibbin, W., & Fernando, R. (2020). The global macroeconomic impacts of COVID-19: Seven scenarios. *Asian Economic Papers*, 1-55.
- Musso, D., & Gubler, D. J. (2016). Zika virus. *Clinical microbiology reviews*, 29(3), 487-524.
- Nerlich, B., & Halliday, C. (2007). Avian flu: the creation of expectations in the interplay between science and the media. *Sociology of health & illness*, 29(1), 46-65.
- Petersen, L. R., Jamieson, D. J., Powers, A. M., & Honein, M. A. (2016). Zika virus. *New England Journal of Medicine*, 374(16), 1552-1563.
- Qiu, W., Rutherford, S., Mao, A., & Chu, C. (2017). The pandemic and its impacts. *Health, culture and society*, 9, 1-11.
- Röltgen, K., Powell, A. E., Wirz, O. F., Stevens, B. A., Hogan, C. A., Najeeb, J., ... & Boyd, S. D. (2020). Defining the features and duration of antibody responses to SARS-CoV-2 infection associated with disease severity and outcome. *Science immunology*, 5(54).
- Roman, A. R., & Friedlander, M. R. (1998). Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, 3(2).
- Rowthorn, R., & Maciejowski, J. (2020). A cost–benefit analysis of the COVID-19 disease. *Oxford Review of Economic Policy*, 36(Supplement_1), S38-S55.
- Ruiz Estrada, M. A., & Khan, A. (2020). Globalization and pandemics: the case of COVID-19. Available at SSRN 3560681.
- Rubin, G. J., Amlôt, R., Page, L., & Wessely, S. (2009). Public perceptions, anxiety, and behaviour change in relation to the swine flu outbreak: cross sectional telephone survey. *Bmj*, 339.
- Santos, C. M. D. C., Pimenta, C. A. D. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 508-511.
- Schlosser, F., Maier, B. F., Jack, O., Hinrichs, D., Zachariae, A., & Brockmann, D. (2020). COVID-19 lockdown induces disease-mitigating structural changes in mobility networks. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 117(52), 32883-32890.

São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Siqueira, C. A. D. S., Freitas, Y. N. L. D., Cancela, M. D. C., Carvalho, M., Oliveras-Fabregas, A., & de Souza, D. L. B. (2020). The effect of lockdown on the outcomes of COVID-19 in Spain: An ecological study. *Plos one*, *15*(7), e0236779.

Smith, R. D., Keogh-Brown, M. R., Barnett, T., & Tait, J. (2009). The economy-wide impact of pandemic influenza on the UK: a computable general equilibrium modelling experiment. *Bmj*, *339*.

Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, *104*, 333-339.

Tisdell, C. A. (2020). Economic, social and political issues raised by the COVID-19 pandemic. *Economic analysis and policy*, *68*, 17-28.

Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human resource development review*, *4*(3), 356-367.

Villani, D., & Fana, M. (2020). Productive integration, economic recession and employment in Europe: an assessment based on vertically integrated sectors. *Journal of Industrial and Business Economics*, 1-21.

Walmsley, T. L., Rose, A., & Wei, D. (2020). Impacts on the US macroeconomy of mandatory business closures in response to the COVID-19 Pandemic. *Applied Economics Letters*, 1-8.

Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, *395*(10228), 945-947.

Wheelock, D. C. (2020). What Can We Learn from the Spanish Flu Pandemic of 1918-19 for COVID-19?. *Federal Reserve Bank of St. Louis Economic Synopses*, *30*, 1-4.

Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. *Journal of advanced nursing*, *52*(5), 546-553.

Worldometer. (2021). COVID-19 Coronavirus. Available at: <https://www.worldometers.info/coronavirus/> (Cited date Feb 21, 2021).

Yamin, M. (2020). Counting the cost of COVID-19. *International Journal of Information Technology*, *12*(2), 311-317.

Yu, K. D. S., Aviso, K. B., Santos, J. R., & Tan, R. R. (2020). The Economic Impact of Lockdowns: A Persistent Inoperability Input-Output Approach. *Economies*, *8*(4), 109.

Zanakis, S. H., Alvarez, C., & Li, V. (2007). Socio-economic determinants of HIV/AIDS pandemic and nations efficiencies. *European Journal of Operational Research*, *176*(3), 1811-1838.

Zoller-Rydzek, B., & Keller, F. (2020). COVID-19: guaranteed loans and zombie firms. *CESifo Economic Studies*, *66*(4), 322-364.